

[ FAUSTO VIANA | ROSANE MUNIZ ]

Fausto Viana é figurinista, cenógrafo e pesquisador. Autor de *O figurino teatral e as renovações do século XX* (Estação das Letras e Cores, 2010).

Professor livre-docente da ECA-USP, comemora agora a obtenção do título de doutor em museologia.

E-mail: [faustoviana@uol.com.br](mailto:faustoviana@uol.com.br)

Rosane Muniz é jornalista, atriz e autora de *Vestindo os nus: o figurino em cena* (Senac Rio, 2004). Mestre em Artes Cênicas (ECA-USP), mantém o *blog* [www.vestindoacena.com](http://www.vestindoacena.com).

E-mail: [romuniz@gmail.com](mailto:romuniz@gmail.com)

## Glee e House: com ou sem sutilezas, o figurino dos seriados

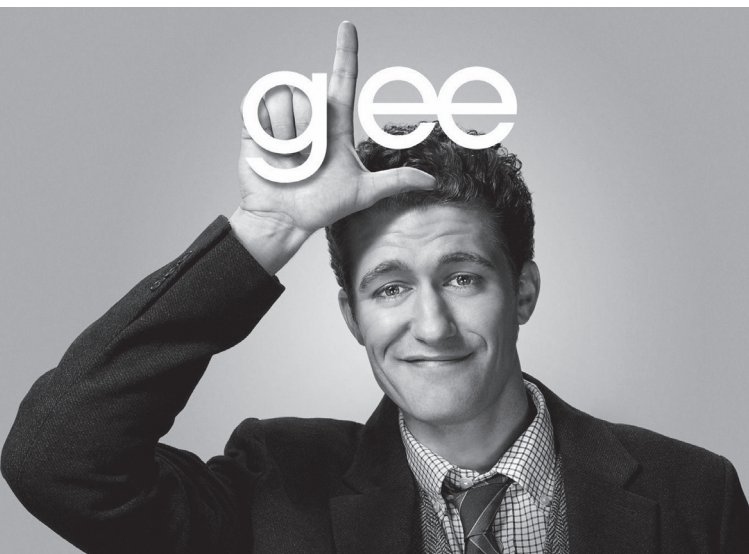
Não é realmente nenhuma novidade que os americanos vendem seriados há décadas e que nós os incorporamos de uma forma ou de outra às nossas grades televisivas. Só para ativar a memória, quem se lembra de *Os Waltons*, que retratava a Família Walton, parte de uma comunidade rural na Virgínia? Ora, vá lá: Mary Ellen, John Boy (o elaborado pelo ator Richard Thomas, não o de Robert Wightman), o Vovô Walton (Will Geer), com seu macacão jeans e camisa de flanela, quando o mundo não era tão globalizado e ainda dava para dizer que era roupa regional norte-americana. O seriado, exibido entre 1972 e 1981, foi um sucesso lá nos Estados Unidos e aqui também, no tal período do "se é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil". E cada episódio terminava sempre com as luzes da casa se apagando e os inevitáveis: "Boa-noite, Mary Ellen!", "Boa-noite, John Boy!".

Como as luzes do período da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial se apagaram, levando embora a pureza dos Waltons e diversos antigos valores morais e éticos, surgiram muitos outros seriados.

O seriado do momento, o último grito da moda televisiva (literalmente), é a comédia musical *Glee*, que estreou na FOX americana em dezembro de 2009, cuja primeira temporada, para aqueles que são radicalmente contra a pirataria, já saiu nas lojas aqui. E no Youtube basta digitar *Glee* e centenas de opções estarão à sua disposição.

*Glee* na Oprah Winfrey, no *Tyra Banks Shows*, no *Elle De Generis Show*. As músicas de *Glee* com legenda ou sem, com os clipes do seriado... Mas *Glee* é um conjunto de obviedades tão grande que podemos perguntar qual a razão do seu sucesso. A foto ilustra o ator Matthew Morrison, que interpreta o papel do professor de espanhol Mr. Will Schuester e ex-aluno da escola que fazia parte de um conceituado *Glee Club*, uma atividade extraclasse ligada à música. O "L" na testa do rapaz é de *looser*, perdedor. E o cuidado para definir as outras personagens? *Cheerleader* (animadora de torcida), *geeks* (simplificando, *nerds* mais socializados), *bad-boys*, *crippled* (deficiente), *spoiled* (mimado)?

[ 31 ]



Divulgação

O ator Matthew Morrison, de *Glee*.

Porque *Glee* é exatamente isso, um clube de perdedores, começando pelo próprio professor, que nunca foi bem-sucedido com a música, seu grande sonho. Cory Monteith vive o *quarterback*, líder do time da escola que, sem mais nem menos, se interessa pelo clube. O que a mídia mais explora é, naturalmente, o fato de o ator ter sido ele mesmo um cantor de chuveiro, que nunca havia feito nada antes e resolveu fazer a audição apenas para tentar. Ganhou o papel e, naquela tradicional mistura entre vida real e cênica, o ator de 28 anos passa a ser o líder de 17 no Glee Club, juntamente com sua versão feminina, interpretada por Lea Michele, que surgiu como estrela infantil da Broadway aos 8 anos (a moça tem 23 hoje). Não deixe de ver *Poker Face*, em dueto com a atriz e cantora Idina Menzel (ela interpretou a Maureen na estreia do musical *Rent* na Broadway).

*Glee* é então sobre as relações e as confusões entre essa turma toda e, como seriado americano, mostra a capacidade dos... americanos de se converterem em bem-sucedidos profissionais, seres humanos e tal, com direito à supremacia musical, militar, política, filosófica e tudo o mais. Naturalmente, na concepção deles. Mas isso tudo já não foi visto em outras séries, como *Fama*, ou o "concurso" *American Idol*, ou mesmo os filmes da linha *High School Musical*?

Se esta coluna dá mostras de ser ácida contra o gênero quando ele trata de obviedades, pergunta-se o que em *Glee* chama a atenção. A resposta é simples: é muito divertido, pois resgata músicas que todo mundo conhece e canta (ou cantou) em algum momento da vida. O professor Mr. Schue assume o Glee Club com a função de torná-lo uma vez mais um sucesso e participar das finais estaduais, competindo com outros grupos corais que cantam pelos cotovelos, claro, e ser eleito, para glória americana, o melhor grupo coral de... Ohio! A coisa fica boa mesmo (divertida seria o mais correto) quando começam os números musicais, que entram na trama porque o professor propõe toda semana aos alunos uma lição que envolve o uso de músicas. Claro que as razões são óbvias, mas depois da terceira música, ninguém liga. E aí entra o figurino, que é simplesmente sensacional em algumas partes.

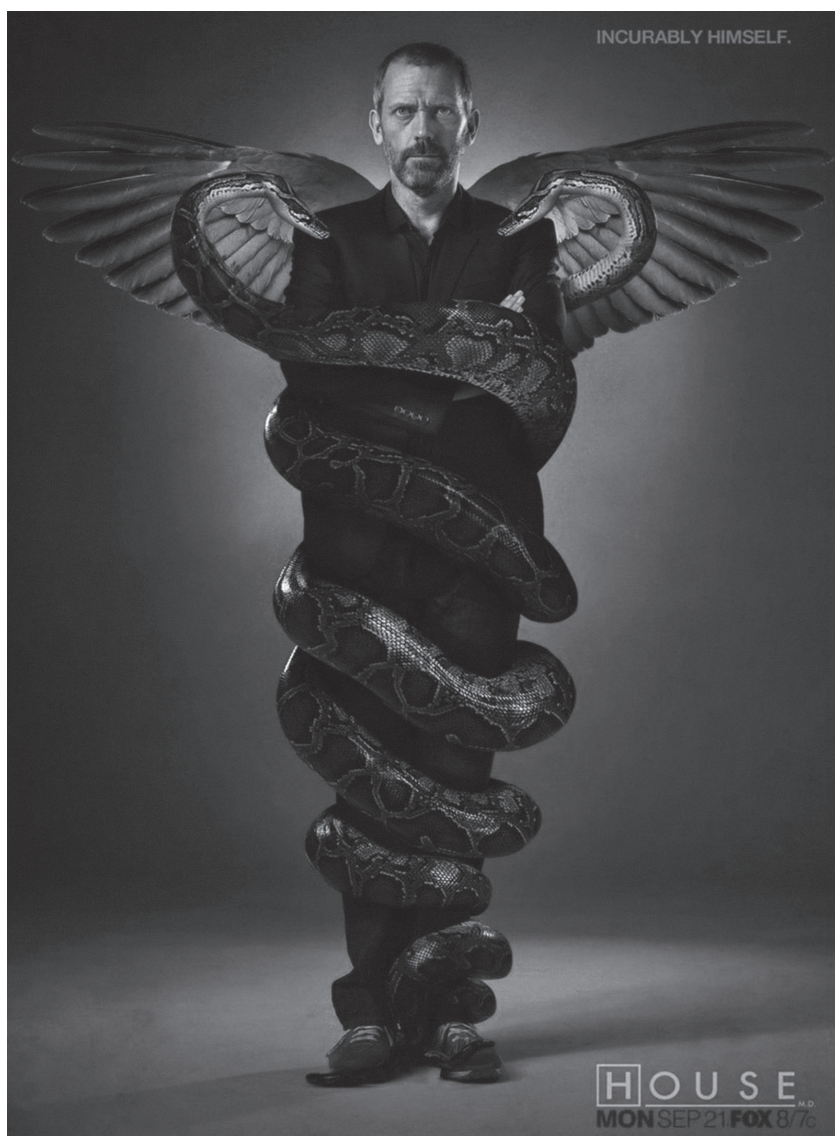
A caracterização das personagens ganha cores incríveis em alguns casos: a professora azeda e mal-amada, mas vencedora de todas as competições de *cheerleaders*, Sue Sylvester (interpretada pela impagável Jane Lynch), só usa uniformes da Adidas, que por sinal caem muito mal no seu corpo – e a proposta é justamente essa. Assista já ao clipe dela no episódio 17 com Olivia Newton-John, na música *Physical*, e entenda por que a personagem é tão engraçada. Se não bastar, veja a criatura atacando de Madonna, com *Vogue*.

No caso da virginal e um pouco histérica orientadora da escola Emma Pillsbury, a atriz Jayma Mays faz cenas hilárias abusando do transtorno obsessivo compulsivo da personagem. Seu figurino é exemplarmente garimpado para uma personagem desse tipo – se você é um verdadeiro obcecado por *American Sitcoms*, verá que ela está na mesma linha da *desperate housewife* Bree – tudo certo, tudo arrumado, nenhum erro é permitido. E ela também dá seu show em *I could have danced all night*, música usada pela primeira vez em *My fair lady*, ainda na década de 1950. Não é óbvio o que vai acontecer? Romântica, histérica, lutando para vencer o transtorno... só poderia se apaixonar pelo professor... que vai se divorciar da mulher chata e depois ficar com outra. Mas é ótimo!

O tal professor é o ator Matthew Morrison, conhecido da Broadway há muito tempo e modelo de beleza norte-americana "certinha", do tipo que as mães adorariam para filho. O fato é que o cidadão é tão bom que muitas cenas sensacionais são protagonizadas por ele, em quase todos os episódios: assista a *Endless love* e na sequência *Don't stand so close to me*, gravado antes pelo The Police. Depois veja *Ice ice baby*, em que ele ressuscita com os alunos o rapper Vanilla Ice. De calça jeans ou de sarja, com gravata e colete, insuportavelmente engomado, o rapaz é a sensação – justamente porque o ator Morrison é excelente cantor, ator e bailarino e usa isso tudo na composição do *looser* principal da história.

As cenas do coro são como em todo musical: uma grande festa, uma oportunidade única de diversão ou emoção (ou as duas). Assista à "performance" baseada em Lady Gaga e a sua *Haus of Gaga*, uma equipe de criação que parece se inspirar em Andy Warhol e abre espaço para novos artistas e colaboradores, que a cantora adota em seus cliques e nas imagens de shows. A música é *Bad romance*, e o figurino é impagável dentro da proposta. Como cena do coro, assista também a *Can't touch this*. Essa é de passar mal de rir – e o figurino é um achado arqueológico. Há uma bela cena do coro masculino que é *Beth*, gravada originalmente pelo conjunto de hard rock Kiss, em 1976. A releitura é emocionante e traz à tona a questão da gravidez na adolescência. Quer curtir o brega? Assista ao hilário (e brega) *Run, Joey, run!*

Como contraponto criativo, de temática séria, entra o seriado *House*. O elenco é muito bom, mas o ator Hugh Laurie se destaca ao dar vida ao protagonista dr. House. Um gênio da medicina, especialista na solução de casos que parecem destinados à morte, o anti-herói House é especialista em nefrologia e doenças infecciosas. Fala sete idiomas, tem mil habilidades, mas é mal-humorado e dependente químico de Vicodin, que começou a tomar para reduzir dores lancinantes na perna. Vive sozinho, sem se cuidar, sem se barbear, em um apartamento repleto de bagunça. Suas roupas, conta a designer Cathy Crandall, foram pensadas para revelar esse homem: seus paletós são sempre pequenos, velhos – talvez no passado tenham servido. Para isso, a figurinista escolhe ternos de tamanho menor do que Hugh Laurie veste. As camisetas usadas pelo ator estão sempre amassadas e não raro revelam o lado mórbido da personagem: em um episódio, em atendimento no quarto do paciente, ele vestia uma camiseta na qual se lia estampada a palavra DEATH. Em qualquer outro, tudo bem... mas em um médico?



Cartaz da nova temporada de *House*.

Cathy conta que, dado o sucesso da série, muitas empresas começaram a mandar camisetas, mas ela foca nas Barking Irons, Lincoln Mayne, Andrew Buckler e Taavo. Antes de usar, a designer as guarda amassadas, dentro de bolas, para ficarem bem marcadas.

*House* marca a importância da participação de um artista maduro no trabalho do figurinista, em oposição à juventude de *Glee*. Foi o próprio Hugh Laurie que sugeriu que, por usar bengala, a personagem utilizasse sapatos que possibilitassem estabilidade, mas combinando com seu lado *bad-boy*. Isso explica a presença em cena, nos pés do dr. House, dos tênis Nike Shox (e uns sapatões bem velhos, de vez em quando).

Ou seria isso apenas mais uma jogada de marketing norte-americana?